

Entrevista com Maria Aparecida

Dia: 21/09/2022

Local da entrevista: Sua residência em Vila Operária

Entrevistadores: Mauro Henrique Amoroso e Paula Noronha

Vídeo e áudio: Luciane Chagas Brasil.

Paula Noronha: Bom dia, D. Maria Aparecida! Tudo bom?

Maria Aparecida: Bom dia, tudo bom.

PN: Meu nome é Paula, nós somos da FEBF. A gente veio hoje aqui fazer uma entrevista com a senhora sobre a Vila Operária, sobre sua experiência de vida aqui... e eu já queria começar perguntando a senhora seu nome completo.

MA: Maria Aparecida de Rocha de Souza

PN: Maria Aparecida da Rocha de Souza...e qual é sua data de nascimento?

MA: 06/09/62

PN: Ah... legal e a senhora sempre morou aqui na Vila operária? Nasceu aqui?

MA: Não, nasci em Minas Gerais e vim pra cá com um ano

PN: Um ano de idade...legal. E como foi sua infância na Vila Operária desde que a senhora assim.. se lembra?

MA: Muito bom, muito levada, muito levada mesmo...

PN: Risos

MA: Dei muito trabalho pra minha mãe... e depois que eu casei que eu melhorei...casei com quinze anos aí que eu vim melhorar.

PN:E como era sua vida, a vida da sua família?

Cinegrafista **LCB:** Fala inaudível... a luz fica no óculos...

PN: Eu posso tirar o óculos!

Cinegrafista **LCB:** Não, não é o seu não, é o dela.

Entrevista prossegue...

PN: E como era a vida da sua familia, a sua vida aqui na Vila Operária, seu relacionamento com os vizinhos... Como que era? Conta pra gente um pouquinho da...

MA: Bom...

PN: Sua irmã...

MA: Bom... todos os meus vizinhos são bom, entendeu? Só teve quando eu comecei a namorar o meu esposo que a família dele que não gostava de mim.

Pergunta inaudível

MA: Porquê???? Tirando... Tirei uma pessoa da mãe, não é? Nova com quinze anos minha mãe fez eu casar. Aí a mãe dele não aceitava.

Mauro Henrique Amoroso: A casa que você morou era essa?

MA: É... Sempre foi essa. Desde que eu saí de Minas. Minha mãe me trouxe de Minas pra cá... sempre morei aqui.

MHA: Quantos anos mesmo?

MA: 59

MHA: Não, quando tua mãe te trouxe?

MA: Oi?

MHA: Quando tua mãe te trouxe?

MA: Um ano

MHA: Tá claro... cresceu aqui, não é? Então fala um pouquinho pra gente o que que você lembra, como era aqui o espaço ao redor da casa... Tipo, tinha essa casa, a rua era maior, menor. Como é que ela era que você se lembra?

MA: Tudo de barro... as casa tudo era de barro...essa casa aqui também era de barro e a rua era barro, tudo era de barro. E ao redor das casas todinha era tipo capim. E a gente pegava água longe, não é? A gente levantava quatro hora da manhã pra pegar água aqui que não tinha água na comunidade.

E eu lembro de poucas coisa, entendeu?

MHA: Qual a lembrança mais antiga que você tem aqui de Vila Operária?

MA: Oi???

MHA: A lembrança mais antiga que você tem aqui de Vila Operária?

MA: Quando eu carregava água na cabeça. E brigava muito, não é? Que a gente levava as latinha pra marcar a vez. Aí eu só lembro mais dessa parte... que eu brigava muito, porque eu era muito brigona.

MHA: É mesmo... e queria...

MA: É... Porque eu queria passar a frente das pessoas...

(RISOS)

MHA: Mas aí essa fase você tinha quantos anos quando você começou a... quando você começou a ir pegar água...

MA: Ah... eu tinha sete anos!

MHA: Era criança brigona??

MA: Já... muito brigona!

MHA: Tem cara não, hein?!

MA: Hummm, agora que eu melhorei!

(RISOS)

MHA: Entendi... e onde que era que pegava água?

MA: A gente pegava lá no poço da Mina.... Pegava lá na rua do seu Bigode, antigo seu Bigode...Que era essa rua ali de trás. É...Bem longe!

MHA: Era água de poço...

MA: É...

MHA: E ficava longe daqui?

MA: É...

MHA: E esses poços ficavam aonde? Ficavam na casa de alguém?

MA: É... ficava na rua, na rua da Mina, lá embaixo no...

MHA: Ficava no... não tinha nenhum morador que era o dono do poço?

MA: Não.

MHA: Todo mundo pegava lá, todos os moradores?

MA: Uhum

MHA: Interessante...Como era a lata que você trazia?

MA: Uma latinha pequena...

MHA: Uma latinha pequena. Tava olhando aqui, não é igual aquela não, não é?

MA: É.. Aí depois passou pra lata de vinte, a gente botava na cabeça e... aí depois minha mãe teve um... construiu a cisterna aqui, aí gente comprava caminhão d'água, aí minha começou a vender água também pros morador que num... era poucas pessoas que tinha.... Tinha casa aqui com cisterna. Aí vinha comprava água aqui, na minha mãe.

MHA: E isso você tinha quantos anos?

MA: Ahh isso eu... acho que eu tava com dezoito!! Já dezoito anos. Dezoito.

MHA: Dezoito. Aí tava (a fala é atravessada pela entrevistada)

MA: Aí já tava adulta já...

(Latido de cachorros)

MHA: Como é que eram as outras coisas aqui? Assim serviço? Como é que foi a questão de esgoto, por exemplo? Transporte? Os ônibus... de quando você era criança pra cá?

MA: Ah, muito ruim, muito ruim mesmo! Tinha o 25, não é? De Agosto, aí só tinha ele e o Santa Teresa.

MHA: Santa Teresa... eu nunca ouvi falar!

MA: É... na rua de baixo.

MHA: E a parte de esgoto, luz, como que era quando você era criança? As lembranças antigas que você tem?

MA: Não, a gente não tinha luz.

MHA: E como é que conseguia luz?

MA: vela e lamparina... aí depois que começaram a fazer... botar os poste.

MHA: Aqui nunca teve comissão de luz, não é? Comitê de luz?

MA: Não... aí o falecido seu Barbosa que veio e começou a botar os poste de luz

MHA: Você lembra quantos anos você tinha?

MA: Não.

MHA: Mas era criança?

MA: Era... criança

MHA: Da idade dela?

MA: Não... eu assim, eu não tenho muita lembrança boas de quando eu era criança não. Só tenho a lembrança que eu era muito brigona. Muito brigona mesmo!

MHA: Encarava menino?

MA: Qualquer um...

MHA: Tá certo... Tem que botar ordem!

MA: Qualquer um... então quando meu pai bebia, meu pai gostava muito de jogar, eu brigava com as pessoas por causa do meu pai, não é? Ele jogava, ele bebia, não é? Aí eu não gostava, brigava mesmo com as pessoas.

MHA: Tá certo que tem que defender mesmo. Certo, você falou essa parte da infância, eu ia perguntar se você tem alguma memória, memória de infância mais marcante, que você tem aqui? A lembrança mais forte que você tem aqui quando você era criança?

MA: Ah... isso eu não me lembro muito não.

MHA: Perfeito. Agora essa parte da construção da casa, como é que ela era? Como que ela avançou, pelo que você se lembra?

MA: A casa da minha mãe, era de estuque, era casa de barro... aí meu pai ganhou um dinheiro no jogo do bicho e ele foi e comprou essa casa com... trocou pelo um radinho. Aí a minha mãe veio morar nessa casa aí, começou a construir aqui. A casa era humilde, pequenininha, mesmo. Aí depois foi construindo, não é?

Era dois quarto...era um quarto, tinha um... o banheiro. Antigamente tinha os banheiro... era um poço e a gente... fazia as necessidade nesse poço. Aí mais tarde, minha mãe foi construindo... minha mãe e meu pai... foi construindo, pra chegar esse palácio hoje em dia, que Deus deu pra minha mãe e pro meu pai.

MHA: Essa casa, ela tá assim do jeito que ela tá agora, tem quanto tempo?

MA: Ah... Deixa eu ver aqui... Tem uns oito ano... não, minto, tem uns quinze ano.

MHA: Mas é recente então, não é?É que eu não sou muito bom de Matemática, mas deixa eu pensar aqui mais ou menos... Que você veio pra cá pra essa casa, você veio quando você já tava com um ano.

MA: Uhummm.

MHA: É então tem uns oito anos... então tem mais ou menos aí uns cinquenta anos de obra, não é?

MA: É.. Pra gente ir construindo, não é?

MH: Pra ficar do jeito que ela tá agora..

MA: Do jeito que ela tá, não tá muito boa ainda, não é? Que a gente quer mais melhoria, não é?

MHA: Mas vocês vão continuar fazendo obra?

MA: Se Deus quiser!

MHA: Quando é que você acha que vai parar de fazer obra?

MA: Ahhh... A gente só para quando Deus leva a gente, não é? Obra na casa sempre tem, não é?

MHA: Com certeza. Deixa r quem a gente quer... A senhora tem filhos?

MA: Tenho, 3.

MHA: E eles moram aonde?

MA: Cada um... Todos eles já tá casado, cada um mora num...

MHA: Tá na sua casinha.. Ia perguntar, se depois algum ia vir pra cá...

MA: Não... Só se separar, não é? Gente...

MHA: Mas se Deus quiser isso não vai acontecer!

MA: Se separar que a gente tem que acolher de novo, não é?

MHA: Tá certo, mas não vai acontecer...

MA: É... Não vai acontecer!

MHA: Agora como é que é... A Paula perguntou, não é, como era a questão dos vizinhos... Aí eu queria que você falasse mais um pouco como era essa relação com os vizinhos, se eles ajudavam com alguma coisa se precisasse, se alguém precisasse tomar conta de você quando era criança? Se eles ajudavam nas obras que fizeram aqui na casa... Como é que era isso?

MA: Todos... Muitos vizinhos ajudou na obra da casa, não é?! Carregar tijolo, não é?! E a gente pegava água pra fazer ma... minha mãe, meu pai, pegava água pra fazer massa, entendeu... então era muito difícil mesmo...

MHA: E como é que é que reunia os vizinhos pra ajudar? Reunia os vizinhos que moravam aqui do lado ou eram amigos que seus pais tinham que moravam mais longe?

MA: É... os parente do meu pai e da minha mãe.

MHA: Era tudo parente...

MA: É..

MHA: Mas eles moravam aqui? Na Vila?

MA: Morava

MHA: Ah, Então era família inteira, não é?

MA: É. Aí depois que eles agora, uns moram no Beira-mar, uns ainda moram aqui ainda.

MHA: Tem muitos primos?

MA: Tenho.

MHA: E eles tem a sua idade mais ou menos?

MA: É.

MHA: Vinham pra cá, brincavam?? Rolava aquele comidão pro pessoal ficar fazendo as reformas...

MA: Uhum... aquela comidaça...

MHA: E você fazia o que nisso?

MA: Hã??

MHA: Você fazia o que nisso? Ficava ajudando a bater cimento? Ficava ajudando mais na comida?

MA: Eu não, não gosto de cozinhar!

MHA: Não gosta?

MA: Eu não. Não gosto nem quando fala em comida. Quando fala em comida eu fico chateada! Eu não gosto de cozinhar...

MHA: Mas gosta de comer?

MA: Gosto de comer, mas não gosto de cozinhar...

MHA: Concordo com você, acho que é bom... comer é melhor, não é?!

MA: É

MHA: Mas e você e as crianças, ficavam fazendo o quê quando a galera tava ajudando aqui na obra?

MA: Ah, a gente...eu ficava brincando... O meu irmão que era o caçula, ele que ficava fazendo, não é. Eu ficava mais na rua, só brincando. Aí meu irmão pegava umas latinha, antigamente tinha aquelas latinha de Ninho, aí ele botava comida pra fazer ali... comidinha. Aí dali ele comia a comida, aí minha irmã e eu ficava na rua brincando.

MHA: Entendi! E você não participava muito, não é?

MA: Não.

MHA: Da parte das reformas (restante da frase inaudível)

MHA: Agora deixa eu perguntar... Como é que era essa parte da documentação aqui da casa quando você era criança? Seus pais falavam alguma coisa disso? Se tinha escritura?

MA: Não, aqui não tem escritura. Aqui é inventário.

MHA: Aqui é inventário?

MA: É.

MHA: Ah, então quando seu pai comprou a casa aqui, já era de inventário?

MA: É... Que tem os documento, mas agora a prefeitura deu inventário para todos, não é? Da Vila Operária... É isento.

MHA: Como é que é isso? Não sei...

MA: Eu também não sei te explicar!

(Risos)

MA: Eu sei que tem o nome do meu pai, não é, que ele comprou, mas agora isento que a prefeitura deu pra gente, na Vila Operária, não pagar IPTU, não é? Aí não sei te informar sobre isso.

MHA: Você não sabe se informar... pensando aqui! Vieram aqui perguntar pra senhora o que a senhora acha disso?

MA: Não.

MHA: Como é que você ficou sabendo?

MA: Pela prefeitura.

MHA: Então, eles vieram aqui pra comunicar?

MA: Não, a gente quando vai pegar o IPTU, eles falam que é isento aqui.

MHA: E desde quando que tá assim?

MA: Ah, já tem uns... Bom tempo.

MHA: Dez anos...

MA: Por aí...

MHA: Por aí, não é? Você lembra qual foi o prefeito?

MA: Não.

MHA: Agora, vou perguntar... as coisas muito antigas, não é. ÉÉÉ... de quando você era criança, por exemplo, você lembra do Banco Nacional de Habitação, o BNH?

MA: Não.

MHA: Já ouviu falar? PROFACE? Que é o programa de águas da CEDAE, você tem alguma lembrança disso aqui, lá pros anos 80?

MA: Não...tenho não.

MHA: Do Brizola você lembra?

MA: Lembro

MHA: O que que você lembra do Brizola?

MA: Meu pai falava muito no Brizola. Meu pai, não é... falava do Brizola... muito do Brizola.

MHA: Bem... mal...

MA: Bem

MHA: Ele era brizolista?

MA: Era.

MHA: Mas aqueles de defender...

MA: É

MHA: E o pessoal daqui, falava o que do Brizola?

MA: Ahh, não me lembro, não.

MHA: Só se lembra que seu pai gostava do Brizola...

MA: É, meu pai.

MHA: E o que que você lembra que seu pai falava dele?

MA: Que ele era um bom governador, não é? Não sei porquê meu pai gostava do Brizola.

MHA:(Inaudível)

MHA: O cada família um lote?

MA: Não.

MHA: É que eu tô tentando lembrar os programas mais antigos,não é? Que o Brizola fez...

MHA:É... Agora, perguntando aqui da casa, tá assim...você mora aqui... você casou, desculpa perguntar, tinha quantos anos?

MA: 16 anos.

MHA: Bem novinha então, não é? Como é que tava aqui quando você casou? Essa casa?

MA: Não era assim, não!

MHA: Como é que ela era?

MA: Ela tinha um quarto, e uma sala e um banheiro. Aí minha mãe foi e dividiu o quarto dela... ela me deu o quarto dela e eu casei nova, não é? Aí depois que meu marido começou a construir, construiu lá em cima... mas eu passei um bom tempo do meu casamento aqui embaixo. Aí depois que ele construiu!

MHA: Aí que ele fez lá em cima e vocês tão lá, não é?

MA: É...

MHA: Como é que foi a construção dessa parte lá de cima?

MA: Com a ajuda da minha mãe e meu marido trabalhando em dois serviço.

MHA: Mas aí ele fazia tudo sozinho? Fez a obra toda sozinho?

MA: É... Com a ajuda da minha mãe.

MHA: Com a ajuda da sua mãe que você fala, é que a sua mãe pegou na...

MA: Não... ajuda da minha mãe financeira.

MHA: Isso... Entendi. Aí tua mãe ajudava e também fazia... não mas a parte de fazer a obra mesmo...

MA: Ah... com pedreiro e... minhas colega ajudava bota areia lá pra cima, pedra...

MHA: Pedreiro que ele contratava...

MA: É..

MHA: E mais a ajuda desses amigos,(inaudível)

MHA: Como é que você vê essa participação dos vizinhos, ali ajudando a construir as casas... como é que você vê isso? O que que você acha disso?

MA: Muito bom, não é? Porque a pessoa tem que ter um... ser um bom vizinho.... Pra você também... eles retribuir a você... a gente faz e eles depois reconhece o que a gente faz com eles, não é? Os vizinho daqui são todo mundo bom.

MHA:(Inaudível) Comunidade, não é?

MA: É...

MHA: É... O pessoal fala... Tá! Mas então... Aí você foi lá pra cima. A maior parte do casamento você ficou aqui embaixo, não é? que você falou, aí fizeram lá em cima, e vocês foram lá em cima... você lembra quantos anos você tinha?

MA: Não. Não lembro, não.

MHA: Já era mais pra juvenzinha...você tava mais pros trinta, quarenta?

MA: Não...A minha filha... a minha filha... quando ela morreu, ela tava com três ano e sete mês... Não sei se eu ja tava aqui... eu tava lá em cima...nem sei se já tava lá em cima ou aqui?! Não me lembro... Não me lembro! Não me lembro, não. Acho que eu já tava lá em cima, já!!

MHA: Mas os seus filhos, você já criou eles lá em cima?

MA: Já...

MHA: E eles também casaram novinhos??

MA: Não.

MHA: Ficou mais velhos... É bom, é bom pra aproveitar a vida... com responsabilidade tem que aproveitar a vida!

MHA: E...O que eu queria ir te perguntando aqui é como é sua relação com a igreja? Você costuma ir?

MA: É.... De vez em quando eu vou.

MHA: Qual igreja?

MA: Eu vou na...Nossa Senhora de Guadalupe.

MHA: Nossa Senhora de Guadalupe...e como é que é... você freqüenta desde quando... como que era a igreja que você freqüentava??

MA: Eu não freqüentei muito a igreja, porque... eu fiz a primeira comunhão, fiz tudo, mas depois eu... fui seguir o espiritismo. Fiquei dezessete anos no espiritismo. Aí depois... eu vi que... eu não queria mais aquilo pra mim... aí eu retornei à igreja de novo.

MHA: E hoje em dia você fica indo lá...

MA: Tô na igreja..tenho dezessete anos que eu saí do espiritismo...

MHA: É... tem bastante tempo...

MHA: E vem cá... como é que é as religiões aqui em Vila Operária? Como é que... enfim...tem muita... a maioria é evangélico... a maioria é católico...

MA: A maioria é evangélico agora...

MHA: Agora...

MA: É..

MHA: Antes não era?

MA: Antes não era... agora a igreja evangélica pode tudo, não é? E a igreja Católica, igual eles fala que pode fazer tudo, mas ... o tudo não é... eles faze... a gente faze... é... a doutrina da igreja católica é muito...assim... eles acha que é fácil, não é? Ainda mais assim... pra um jovem... Pra um jovem a igreja Católica...Um jovem não vai querer assistir a missa, levanta e senta, não é? Tem que ter uma coisa mais...mais séria pros jovem, ne? Porque hoje em dia a maioria deles fica no jogo... baile...aí eles vão procurar... quando a pessoa quer seguir Jesus, vão procurar a igreja evangélica, porque é onde que tem... mais possibilidade de uma pessoa sair, não é...das drogas... dos vício todo, não é... Eu acho assim, não é?! E a igreja Católica, não... só a Carismática. A Carismática, já é outra doutrina, não é?

MA: Eu freqüentei muito a igreja de São José, quando eu saí do espiritismo, então lá tem a doutrina... você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo... agora uma missa, já é diferente! E eu fiquei uns... uns dois ano seguindo ali, oh... de quinze em quinze pra mim... é... me renovar em Cristo de novo, não é? Porque eu tava... no mundo... eu tava na escuridão... eu estava na escuridão, não é?...que você quando frequenta o espiritismo...você tá com a venda no teus olhos,não é? E hoje em dia graças a Deus eu tô bem, não é?...e.. quando eu tava no espiritismo eu não conseguia fazer nada dentro da minha casa... nada... era... ficou tudo parado... aí... quando eu falei assim: “ Não, eu não quero mais isso pra minha vida”, aí eu falei com meu esposo: “ Vamo lá que eu vou falar com fulano hoje...” aí ele falou: “Você tá maluca?” falei:” Não... eu tô com

Jesus!” Fui lá e falei com ele:” Não quero mais seguir...” e hoje em dia, graças a Deus, tô bem...
Muito bem mesmo!

MHA: O centro kardecista então que você frequentava era aqui? Aqui na Vila?

MA: Lá na Vila São Luís.

MHA: Na Vila São Luís...

MHA: Tinha curiosidade de saber se tinha assim... se tinha terreiro, igreja evangélica? Isso tudo aqui, tinha na Vila Operária? Ou se vocês tinham que ir pra outras regiões, outros lugares, pra Vila São Luís...

MA: Não...aqui tem, é... a igreja de São José, não é?

(Conversa paralela com a irmã)

MA: Hã...Quê? Ah, essa aí é boa de memória (risos). Não, o que garota? (falando com a irmã).
(Conversa inaudível)

MHA: Kardecismo, terreiro???

MA: Não... Terreiro tinha um montão, tinha um montão, mas eu não frequentava aqui. Tinha muitos...

MHA: Aí foi acabando?

MA: É, não é? A maioria foi acabando, não é?

MHA: Porque que você acha que acabou os terreiros?

MA: Eu acho que muitas pessoas tão indo pra igreja evangélica, entendeu? Tá acabando porque...porque... ou você segue Deus ou você segue o diabo, não é?

MA:E o espiritismo, eles fala que...a gente dá pra gente ganhar, não é? Mas não é isso... não é isso!

MHA: E como é que os católicos convivem com os evangélicos aqui?

MA: Eu pra mim... eu na minha opinião, os meus vizinho, a maioria deles são evangélico, não é? E... eles não critica, eles não me critica e eu não quero ser criticada por eles, entendeu?

MHA: Mas geralmente tem disputa.... que às vezes pode acontecer, não é. Mesmo as duas igrejas seguindo Jesus, às vezes pode... mas as duas consegue conviver de boa. Cada um respeita o espaço do outro.

PN: E a senhora se lembra se aqui na Vila Operária, como é que eram as escolas, se tinha escola. A senhora estudava aqui ou estudava fora? Como é que era?

MA: Eu estudei aqui. Sempre estudei aqui.

PN: E qual escola a senhora estudava?

MA: Ihhhh...estudei em muita escola. Muita escola... Muita escola... Muita escola.

MHA: Pode falar a que você sabe, então...

MA: Miguel Couto, é.... Adventista, estudei aqui em cima, no campo...25...

PN: Mas nenhuma era aqui dentro da Vila Operária... todas lá fora? Ou a senhora estudou em alguma escola aqui dentro da Vila Operária?

MA: Ah... o Itaperuna é aqui em cima... no campo.

PN: No campo... E a senhora frequentou aquela que tinha do escola do Sr. Barbosa? Porque tinha uma escola do Sr. Barbosa aqui, não tinha? A senhora chegou a frequentar...não?

MA: Não.

PN: E a senhora se lembra de algum professor dessa época que senhora estudava, que... morava por aqui ou ainda mora?

Teve algum professor?

MA: Não.

PN: Nenhum professor era daqui mesmo da comunidade?

MA: Não.

PN: Nenhum?

MA: Não.

MHA: Uma curiosidade... a senhora sabe porquê que a escola se chamava Itaperuna?

MA: Não

MHA: E lembra porquê que mudou pra Vinícius de Moraes?

MA: Lembro não.

MHA: E o que a senhora acha da escola de Vila Operária se chamar escola Vinicius de Moraes?

MA: Eu sei nem... eu nem posso te responder isso, porque eu nem sei porquê... nem sei.

MHA: A escola do Barbosa, depois foi chamada escola do Barbosa, essa virou Vinícius de Moraes...(risos)

PN: E quando a senhora era criança, assim na sua juventude, a senhora lembra em que sua mãe trabalhava, em que seu pai trabalhava? A sua mãe trabalhava fora ou só trabalhava aqui dentro.... Só trabalhava em casa?

MA: Não... minha mãe trabalhava passando roupa pras pessoas, não é... e criou porco também, não é? pra manter a gente, quando a gente era pequeno...aí matava o porco, vendia os pedaço de

porco, não é? E depois minha começou a trabalhar... minha mãe já tava com quase quarenta...uns trinta e poucos anos, a minha mãe começou a trabalhar lá na Reduc.

PN: E a senhora ajudava... sua mãe? Em casa, nas vendas, ou no serviço doméstico? Como é que era?

MA: Eu catava muita lavagem de porco pra manter os porco... Ia lá pro Mineirão pra catar lavagem, ia na porta dos vizinho pedir resto de comida...pra dar pros porco...ajudar, não é?

PN: A senhora tinha irmão, irmã...

MHA: Mas os porcos ficavam onde?

MA: Ficava aqui no chiqueiro.

MHA: E onde é que era o chiqueiro? Aqui na casa?

MA: Ah... a casa era de estufa. Aí minha mãe fazia um chiqueirinho...fez um chiqueiro grande e botava os porcos.

MHA: Vocês criaram porcos até quando?

MA: Ah...

MHA: Você tinha quantos anos mais ou menos?

MA: Não lembro não.

MHA: Mas era criança então, não é? Não era...

MA: Não... já era adolescente, já, porque eu ia pra pegar lavagem...pegar comida pra dar pros porco... a lavagem do porco.

PN: Os seus irmãos ajudavam também? Não? Todo mundo ajudava?

MA: Todo mundo

PN: E o seu pai? Que que o seu pai fazia? Ele trabalhava também ajudando na criação dos porcos ou ele trabalhava em outro lugar?

MA: Ele trabalhava fora, de pedreiro.

PN: A senhora conheceu o trabalho de seus pais, do seu pai?

MA: Oi?

PN: A senhora...é... chegou a frequentar alguma obra que ele trabalhava?

MA: Não

PN: Visitava? Ia lá levar comida ou alguma coisa assim?

MA: Não.

MHA: Vocês pararam de criar porcos, porquê? Foram fazendo outras coisas, foi crescendo aqui o espaço?

MA: Não. É que depois a vida foi melhorando mais um pouquinho, não é? Aí paramos de... minha mãe parou de criar porco.

MHA: Lá pro final dos anos 70?

MA: É... deve ser isso mesmo.

MHA: Com o Brizola a vida melhorou?

MA: Hã...

MHA: Com o Brizola a vida melhorou?

MA: Ah... nem sei... Eu nem sei quantos anos eu tinha quando ouvia meu pai falando de Brizola...Eu não tenho assim, muita... memória boa não. Tenho muita memória boa não.

MHA:(Inaudível) E tá?!E quando você era juvenzinha, ali nos anos, como que tava aqui Vila Operária? Já tava cheio de casa, já tava mais ou menos asfaltado?

MA: Aí já tava asfaltado... Foi a época que eu ganhei minha filha... já tava asfaltado.

MHA: Você lembra da ambulância que tinha aqui, do Barbosa? Você chegou a pegar isso?

MA: Não.

MHA: Já tinham vendido, não é?

MHA: Agora.... Curiosidade também, não é? Tipo...o seu pai tinha o canto onde ele ficava mais na casa? A sua mãe tinha o canto que ela fica mais na casa? Ou não tinha isso?

MA: Não... tinha preferência, não é?

MHA: Cada um ficava, não é? cada um fazendo uma coisa...Fica onde dava, não é? Aí você falou, não é? Que menina, gostava de brigar, não é? Tinha personalidade forte... Aí eu ia perguntar... como é que foi crescer menina na Vila Operária? Como é que eram as meninas aqui? Eram que nem você, tudo brigo a também?

MA: É... tudo brigona.

MHA: Tá certo...E quando vocês foram ficando juvenzinhas, o que que vocês faziam?

MA: Eu namorei, depois eu casei e...aí cada um pros seus lado.

MHA: Mas quais as brincadeiras que vocês lembram que vocês faziam aqui?

MA: Brincava de...garrafão.

MHA: Como é que é?

MA: Garrafão é um montão de menino, um montão de homem junto, brincava e quando entrava no garrafão que se você errasse os cara batia na... na suas costas e todo mundo bate tipo, nas suas costas...era todo mundo do junto.

MHA: Menino e menina?

MA: Menino e menina.

MHA: Mas aí na adolescência você falou que você namorou cedo, não é? Mas tinha algum bailezinho aqui, que a galera ia?

MA: Tinha. Lá no Colégio Fluminense.

MHA: Fica perto, fica longe?

MA: Ali embaixo... Colégio Fluminense .

MHA: Como é que era? Qual tipo de música? Como é que...

MA: Eu não ia...

MHA: Você não gostava?

MA: Não. Nunca gostei.

MHA: Tá certo. Mas os seus irmãos iam?

MA: Só um irmão meu que ia.

MHA: Esse gostava?

MA: Ele gostava de ir.

MHA: Bom...E quando você foi ficando adulta? Que você foi crescendo, que começaram a vir os filhos... como é que passou a ser sua rotina?

MA: De mãe... Mãe preocupada com os filhos... adolescência, não é? Filho hoje em dia...é muito difícil.

MHA: Qual eram as preocupações que você tinha?

MA: Porque minha filha, quando ela nasceu, ela nasceu com paralisia infantil então tinha muita rotina a de levar ela pro médico... até os três anos e sete meses. Aí ela faleceu. Aí com sete mês...aí o médico pediu pra mim, pegar outra gravidez, aí veio o meu segundo filho. Pra ver se ela fazia as coisas que ele tava fazendo, não é? Mas não... aí Deus levou ela.... Mas foi uma vida muito difícil mesmo, muito difícil, porque a gente não tinha dinheiro pra manter, não é? Aí tinha um vizinho que ele me ajudava muito, quando eu tava sem dinheiro, ele me dava dinheiro da passagem. Antigamente tinha aqueles ticket, não é de... de quê mesmo? É...de transporte, não é?

Aí ele me ajudava muito com esse vale transporte. Aí pegava dinheiro emprestado...tudo era mais fácil, agora que as coisa tá difícil. Dava jeito pra tudo...hoje em dia, tá difícil.

MHA: E você acha que as pessoas não são mais solidárias?

MA: É o custo de vida mesmo. Tá difícil...pra todos, não é pra um só não...é pra todos.

MHA: Se Deus quiser daqui a pouco melhora...e...deixa eu perguntar?! Tinha preconceito aqui na Vila Operária? Alguma coisa? A senhora já viu alguma coisa aqui nesse sentido?

MA: Não

MHA: E quando você começou a trabalhar? Qual foi seu primeiro emprego?

MA: Meu primeiro emprego foi na Marvela.

MHA: Tava novinha? Quantos anos? Adolescentezinha?

MA: Eu tava com quinze anos.

MHA: Quinze anos... E o que que você fazia lá?

MA: Arrematava... Aí depois eu peguei gravidez, aí eu pedi as conta.

MHA: É isso que eu ia perguntar se você já tava namorando, casando quando pegou esse emprego ou foi antes?

MA: Então...eu tava de catorze pra quinze anos aí eu peguei gravidez e já pedi as conta.... eu mesmo que dei mole não é? Que era pra mim continuar, não é? E eu fui e pedi as conta. Já tava grávida. Tava com três mês de gravidez.

MHA: E você queria parar pra cuidar da gravidez?

MA: Não... eu não sei... naquela época foi muita burrice.

MHA: Porque que você acha que foi burrice?

MA: Porque eu não comentei nada com ninguém e fui pedir as conta... Então eu tava com três meses eles não podiam me mandar embora, não é? Aí eu pedi as conta...

MHA: E depois, você trabalhou mais aonde?

MA: Aí depois eu fiquei em casa, aí depois eu trabalhei na Apa, depois trabalhei na Marvelo e depois eu trabalhei numa fábrica lá... na Vila São Luís.

MHA: E como é que você conseguia esses empregos? Teve que deixar currículo ou algum amigo indicava?

MA: Não, a gente ia e fazia o teste, se passasse a gente ficava, se não passasse... aí a gente te procurava outro.

MHA: Qual é o lugar que você mais gostou de trabalhar?

MA: Eu... na época...na Marvelo... que era criança. Era acriançada.

MHA: E ficou de quando até quando? Você lembra?

MA: Eu fiquei um ano e pouco lá... Comecei com catorze anos lá.

(Inaudível)

MHA: E hoje em dia a senhora tá fazendo o que?

MA: Eu sou dona de casa e tomo conta do trailer.

MHA: Certo...

MA: Quando eu saí dessa última fábrica ao eu fiquei no trailer... Já tenho vinte... acho minha sobrinha tá com vinte...Penha quantos anos a Rafaela tem? (Conversa paralela)

Trinta e três anos que eu tenho o trailer.

MHA: Aí você com o trailer vende o quê?

MA: Oi?

MHA: Com o trailer que você falou... é de quê? É de lanche?

MA: Não... era lanche, não é? mas eu não gosto de fazer comida, não gosto de cozinhar... a minha irmã me ajudava muito e meu marido também, não é? Que agora eu sou viúva, não é? E ele gostava de...botar as coisa, não é? Eu não, eu não gosto. Pra mim o que dá ali tá bom. Não gosto muito de trabalhar.

MHA: Aí no trailer você faz, o que hoje em dia?

MA: Ah... vendo bebida!

MHA: Bebida...

MA: É... bebida, doce...

MHA: E ele fica aqui perto?

MA: Ali na frente.

MHA: Fica logo aqui na frente, não é?

MHA: A senhora gosta... Assim, porque com o trailer você acaba por ser sua própria patroa...

MHA: E a senhora gosta dessa parte? Como é que é isso?

MA:Ah... não gosto não. Tem hora que eu fico estressada comigo mesmo... É...tem hora que eu fico estressada comigo mesmo.

MHA: (Risos) Entendi... E como é que foi que a senhora comprou o trailer?

MA: Vendendo... é... cachorro-quente no carnaval, aí meu marido foi e botou esse trailer aí... Com a ajuda da minha mãe, da minha irmã, não é? A gente vendia cachorro-quente. Lá embaixo

na praça... angu a baiano, nos Carnaval... aí ele foi determinou botar um trailer... Aí a gente começamos pelo cachorro- quente na porta de casa...e depois ele foi e falou: " Não!" Ele sonhava alto, não é?

Ele pegou e comprou um trailer...ficamos dezoito com esse trailer, que era de lata! E depois ele foi e reformou com... tijolo...quando ele se aposentou.

MHA: Aí eu ia perguntar também, não é? Se era um desejo que vocês tinham de montar um negócio?

MA: É... O desejo era dele...

MHA: Dele, não é?

MA: É... meu não.

MHA: Entendi... e deixa eu perguntar a associação de moradores, a senhora já participou?

MA: Não... Eu quase não vou lá em cima, não.

MHA: Eles vem até aqui embaixo?

MA: Eles não fazem nada pra ninguém...

MHA: (Risos) Sempre foi assim?

MA: Faz nada por ninguém!

MHA: Mas você falou do Sr. Barbosa, qual a lembrança que você tem dele?

MA: Ah... que ele era uma pessoa boa, não é? Ele ajudava muito as pessoas, não é?

MHA: A senhora conheceu ele?

MA: Conheci, mas não tenho muita lembrança, assim dele, mais não.

MHA: Mas aí conheceu o quê? De ver passar? Ou sua família tinha relação com ele ou alguma coisa assim?

MA: Não... por causa da escola, não é? A escola do Sr. Barbosa.

MHA: E do Sr. Davino, você lembra?

MA: Sr. Davino? Lembro.

MHA: Que que você lembra?

MA: Ah... pessoa boa ele!

MHA: Mas o que que ele fazia?

MA: Ah... não lembro não. Assim...

MHA: Mas lembra do pessoal falando bem, não é?

MA: Uhummm

MHA: E os políticos daqui da Vila Operária? Qual que você lembra mais?

MA: Qual que eu lembro mais?

MHA: É... político que venha pra cá... que vem distribuir santinho? Tem algum?

MA: Não

MHA: Na época de eleição... se vinha...

MA: É.. Vem um montão, não é? Na política vem todo mundo.

MHA: Todo mundo... Falaram que até o Romário teve aí esses dias...

MA: Vem todo mundo apertar tua mão...Depois esquece até do aperto de mão que te deu. Eles agora pega até cachorro no meio da rua e beija. É... eles tá precisando, não é?

MHA:(Risos) Tá certo! E o que que a senhora acha disso?

MA: Eu... eles tem que fazer a parte deles, não é?... A gente tem que votar, não é? Então a gente tem que acompanhar a ideia dos maluco.

MHA: Tá certo... Tá certo!

MA: É... ficar neutra! "Ah, em quem você vai votar? Ah, não sei." Porque de repente eu posso precisar daquele aí tô metendo o malho... Aí então, fico neutra agora.

MHA: Mas você sempre foi neutra ou já teve seu partido que você gostava mais?

MA: Eu vim acompanhando meu pai... Negócio de Brizola, Brizola, a gente então, tamo nessa luta aí. Vamos ver que que vai dar, Legal.

MHA: Sim, sim... Tinha algum partido específico que costumava agir mais aqui? Você lembra de alguma coisa assim?

MA: Acho que era... MDB, não é? MDB!

MHA: Aqui na Vila Operária já teve remoção? Remoção de casa? Governo vir demolir coisa?

MA: Não

MHA: Também não tem nenhuma lembrança nesse sentido não, não é? Ditadura militar? A senhora lembra de alguma coisa?

MA: Não

(Conversa inaudível audível)

PN: A senhora se lembra quais foram as mudanças que foram acontecendo conforme sua família foi aumentando? Assim da casa... a necessidade de aumentar, fazer mais um quarto, porque nasceu mais um filho e foi chegando mais um... A senhora se lembra como é que foi isso? Essa obra foi fazendo... pra...ir ampliando a casa?

MA: Não lembro não.

MHA: É... tipo, por exemplo, aí nasceu um filho, você fez um quarto...alguma coisa nesse sentido!

MA: Ah... na minha casa... Fazer igual minha mãe: " Você quis pegar tudo lá em cima." (risos)
Minha mãe fala: "Você quer pegar tudo lá em cima..." Aí faz um quarto, aí daqui a pouco...quando comecei a construir... eu fui... ai a gente já botamos três quarto lá em cima. Agora, hoje em dia estou numa casa grande com três quarto e sozinha.

PN: E a senhora sempre morou nessa casa? Nunca mudou de casa...

MA: Não

PN: Sempre morou aqui? E...Como que a relação com seus pais influenciou a senhora? É... aqui na forma de lidar com a casa, não é? Quando, por exemplo, a senhora casou, que aí sua mãe morava embaixo e a senhora morava em cima... Como é que era isso? Dava muito problema? É... como é que era essa relação da senhora com sua mãe, com o seu pai... um morando em cima, outro mora do embaixo...como é que era?

MA: Nossa relação... Só com a minha mãe, não é? Que a gente te perdemos meu pai muito cedo...é... graças a Deus tudo bem, não é? Que minha mãe gostava muito do genro dela, mas... nunca ninguém brigou por causa de casa...todo mundo na paz!

PN: É... sobre a documentação da casa a senhora já falou, não é? Já falou...que é inventário, não é? Que prefeitura deu...Agora aqui na Vila Operária, qual é a maior conquista que senhora acha que teve aqui, na Vila Operária? Assim a coisa mais importante que fizeram pela Vila Operária até hoje? O que a senhora acha, que foi?

MA: Ah... a conquista?

PN: É... pro bairro, assim pra comunidade?

MA: Ah...Pra mim foi quando botou a água na Vila Operária e quando calçou a Vila Operária.

PN: E a senhora já ouviu falar ou tem lembrança de assim...sua mãe falar ou alguém mais antigo falar que aqui em cima já foi tudo um cemitério?

MA: Não...

PN: Porque a gente tava aqui no domingo e a menina falou, não é Lu? Que...aqui em cima... a área era toda um cemitério. A senhora já ouviu falar sobre isso?

MA: Não...

PN: Não...E o que que a Vila Operária representa pra senhora? O que que ela é pra senhora?

MA: Ah... a Vila Operária é bom, não é? Tem que saber viver na Vila Operária não é?

PN: A senhora gosta daqui?

MA: Amo a Vila Operária...

PN: Se a senhora pudesse sair daqui e morar em outro lugar, a senhora sairia?

MA: Pra coisas melhores, não é? Agora pra gente sair daqui pra ir pra outro lugar... porque... é... um sonho que eu tinha...tenho ainda, não é? de sair daqui pra mim ir pra Bahia, não é? Mas... eu tô muito satisfeita com a minha casinha que Deus deu a gente... Muito mesmo.

PN: A senhora gosta da Bahia?

MA: Gosto

MHA: Tem parente lá, já foi visitar?

MA: Não

MHA: Como nasceu essa sua relação com a Bahia?

MA: Não sei... queria visitar, conhecer a Bahia ou então morar lá na Bahia.

(Risos)

MHA: A senhora falou que tem que saber viver na Vila Operária. Como é que é saber viver na Vila Operária?

MA: Ah... por causa dos vizinhos, não é? Assim...nem todo mundo é... teu amigo... nem todo mundo é seu amigo... e vê você construindo uma coisa e... você constrói com a sua luta e as pessoas acha que é fácil... Não é fácil. Não é fácil mesmo. E tem uns vizinhos bom outros vizinhos hos ruim e...o pior inimigo teu é aquele que tá do teu lado... eu acho assim, não é?

MHA: Mas isso foi piorando com os anos ou sempre foi assim?

MA: Não... agora... poucos tempo agora.

PN: E...O que que a palavra propriedade significa pra senhora?

MA: Como assim propriedade?

PN: Propriedade...assim... moradia, sua casa... o que a senhora acha assim, da importância se é importante, se não é importante? O que a senhora pensa sobre moradia?

MA: Pra mim é muito importante, não é? quando você constrói uma coisa que você quer, não é? Então você vem do baixo pra chegar... onde que eu cheguei, não é? Pra mim foi uma conquista, do meu esposo, ajuda da minha mãe, da minha irmã, não é? Então... o meu esposo... ele deixou uma coisa boa pra mim e pro meus filhos, não é? Essa conquista aqui... a minha casa.

MHA: A senhora vê sua casa como a sua propriedade?

MA: Não... não vejo... por que se eu morrer hoje eu não vou levar ela comigo... Ela vai ficar aqui. Então, ela não é minha propriedade!

MHA: Ela é de quem?

MA: Aí eu não posso nem te responder, não é?... quem será??? que vai ser a minha casa??? Não sei...

MHA: Interessante!

(Conversa inaudível)

Luciane Chagas Brasil: Teve um momento aqui que parou a gravação... uns vinte minutoszinhos, só resumindo... só vou pedir pra senhora, falar... o seu nome, quantos anos a senhora tem, quanto tempo a senhora mora aqui na Vila Operária, ...até mais ou menos a lembrança de carregar lata d'água, poço... essa parte que foi perdida na filmagem, mas a parte do áudio tem... Aí você fala:" Sou Maria Aparecida, tenho tantos anos, nasci tal dia... só um resumo mesmo. Pode falar.

MA: Meu nome é Maria Aparecida da Rocha de Souza, nasci 06/09/62...só

LCB: E... tá quantos anos aqui na Vila Operária?

MA: 59

LCB: Aí, você fala assim:"Eu tô há 59 anos na Vila Operária..."

MA: Eu tô há 59 anos na Vila Operária.

LCB: E como era, tipo morar...pegar água, a questão da água, que a senhora falou?

MA: Ah... que a gente tinha que levantar cedo pra pegar água, pra lavar roupa, fazer tudo dentro de casa.

LCB: E aonde que a senhora pegava água?

MA: Lá na... poço da Mina, lá no... ah, agora fugiu da minha mente... fugiu da minha mente!

LCB: Aqui essa rua é o qual? Sepetiba?

MA: Não... Sepetiba é a outra, essa aqui é Tomé de Souza.

(Conversa inaudível)

LCB: É... acho que é isso! Tranquilo?

MHA: Tranquilo...Obrigado D. Aparecida, por receber a gente na sua casa, ajudar a gente, obrigado de coração!

LCB: Obrigada mesmo...porque a timidez em pessoa... não é? Falou que não fala muito, mas até que falou bastante lembrança, aí... Te agradecer mesmo, porque eu te perturbei, não é?

MA: Perturbou!!

LCB: A gente quer tirar uma foto sua com a sua mãe. Você chama ela pra gente?

MA: Penha, chama minha mãe, aí!

MA: Minha velha guarda...

PN: Obrigada, D. Maria Aparecida por receber a gente, obrigada pela entrevista...obrigada mesmo, de coração !

MA: Não alembrei muita coisa, não é? mas...

PN: Tá ótimo!

(Conversa inaudível)